

## A VIOLÊNCIA OCULTA POR TRÁS DA DITA INCLUSÃO: UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA

### THE HIDDEN VIOLENCE BEHIND THE SO-CALLED INCLUSION: A PROPOSAL FOR PEDAGOGICAL INTERVENTION

Deise Birk Fernandes<sup>1</sup>  
Jordana Cristiana Rodrigues<sup>2</sup>

**RESUMO:** O objetivo do presente trabalho é promover atividades enfrentamento e prevenção do bullying que envolvam os alunos atendidos na sala de recurso, os alunos das salas regulares além de professores e equipe diretiva, estimulando a criação de uma rede de apoio a alunos vítimas de *bullying*. O projeto tem por pretensão minimizar as ações de violência ocasionadas na escola, principalmente contra pessoas com deficiência, espera-se que o corpo docente e os alunos compreendam a importância de respeitar as diferenças e valorizar a potencialidade das pessoas com deficiência no âmbito social. A partir disto, que o professor possa tornar-se facilitador das aprendizagens e do ambiente acolhedor, criando estratégias para desenvolver habilidades e o mais importante, a empatia entre todos. E que os alunos consigam estabelecer parcerias uns com os outros, respeitando o outro em sua subjetividade. Espera-se que por meio deste projeto de intervenção tanto a equipe diretiva, quanto professores e alunos tenham condições de desenvolver habilidades necessárias para atuarem de maneira eficaz na resolução de conflitos ocorridos no ambiente escolar com a rede de apoio. E ainda que possam se reconhecer como parte importante deste processo, articulando ações que proporcionem uma verdadeira transformação em seu contexto.

508

**PALAVRAS-CHAVE:** Violência. Direitos Humanos. Educação Inclusiva.

**ABSTRACT:** The objective of this work is to promote activities that deal with and prevent bullying that involve students assisted in the resource room, students in regular classrooms, as well as teachers and the management team, encouraging the creation of a support network for students who are victims of bullying. The project intends to minimize the actions of violence caused at school, mainly against people with disabilities, it is expected that the teaching staff and students understand the importance of respecting differences and valuing the potential of people with disabilities in the social sphere. From this, the teacher can become a facilitator of learning and a welcoming environment, creating strategies to develop skills and, most importantly, empathy among all. And that students can establish partnerships with each other, respecting each other in their subjectivity. It is hoped that through this intervention project, both the management team, as well as teachers and students will be able to develop the necessary skills to act effectively in resolving conflicts that occur in the school environment with the support network. And even if they can recognize themselves as an important part of this process, articulating actions that provide a true transformation in their context.

**KEYWORDS:** Violence. Human Rights. Inclusive Education.

<sup>1</sup>Mestranda em Educação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos.

<sup>2</sup> Mestra em Sociologia pela Universidade Federal de Mato Grosso.

## INTRODUÇÃO

Diversas manifestações da violência ocorrem em vários segmentos da sociedade, sendo a escola um dos principais locais para que esses comportamentos ocorram. Dentre os sujeitos imersos em situações e violência estão os alunos e há uma ocorrência significativa destas manifestações contra pessoas com deficiência atendidas em Salas de Recursos ou mesmo aquelas atendidas em salas regulares.

Normalmente a violência ocorre de uma forma velada por meio de xingamentos ou intimidações. Também se percebe que muitas vezes não há nenhum tipo de ação que elucide aos alunos e professores as consequências desta prática, tornando o referido contexto escolar opressor para as vítimas do bullying.

O bullying se difere das demais violências manifestas na sociedade, pois ele ocorre independente das faixas etárias, gênero, raça ou orientação sexual, de acordo com FANTE (2012), o bullying é um fenômeno de âmbito mundial que ocorreu desde o surgimento da escola, e, ainda, permanece na atualidade. Esta terminologia surgiu do termo inglês “Bully” da língua inglesa, que como substantivo quer dizer ‘tirano’, ‘valentão’ e como verbo significa ‘brutalizar’, ‘amedrontar’ ou ‘tiranizar’.

[...] palavra de origem inglesa, adotada em muitos países para definir o desejo consciente e deliberado de maltratar uma outra pessoa e colocá-la sob tensão; termo que conceitua os comportamentos agressivos e antissociais, utilizado pela leitura psicológica anglo-saxônica nos estudos sobre o problema da violência escolar (FANTE, 2012, p. 27).

De acordo com COSTANTINI (2004), este fenômeno não pode ser classificado como brigas ou conflitos típicos entre estudantes, mas sim como uma violação praticada por um indivíduo ou um grupo de forma intencional permeada por intimidação. Esse padrão de comportamento agressivo distingue-se das brincadeiras e dos conflitos comuns entre estudantes. COSTANTINI ainda corrobora que:

Trata-se de um comportamento ligado à agressividade física ou verbal ou psicológica. É uma ação de transgressão individual ou de grupo, que é exercida de maneira continuada, por parte de um indivíduo ou de um grupo de jovens definidos como intimidadores nos confrontos com uma vítima predestinada (COSTANTINI, 2004, p. 69).

O ambiente escolar é marcado pela prática do bullying como FANTE e PEDRA (2008) descrevem, considerando o abandono escolar por parte desses alunos, mas ressalta-se que ocorre também em outros locais. Destaca-se que o bullying não é brincadeira inocente, pois reflete na aprendizagem e relacionamento com os colegas.

A escola necessita de uma conscientização das manifestações de bullying que ocorrem em seu ambiente, no tocante desta análise, ASSIS e MARIEL (2010) elucida que em todos os locais ocorre o bullying, mas existe um índice considerável de maior frequência desta prática no pátio durante o recreio dos alunos e na sala de aula.

No entendimento de SILVA (2010) as escolas têm o dever de conduzir este tema a uma discussão mais ampla, que possa mobilizar toda a sua comunidade, com o intuito de que estratégias preventivas e imediatas sejam traçadas e executadas com o claro propósito de enfrentar a situação.

A escola objeto deste estudo fica localizada na parte central da cidade, onde a prefeitura tem o aluguel de um prédio onde antigamente funcionava um colégio de freiras, a justificativa deste aluguel é uma tentativa de tirar os alunos “da vila”, para que eles se sintam pertencentes a cidade e não se sintam excluídos.

Na escola objeto deste estudo, ocorrem as intervenções normalmente quando os casos de violência se tornam físicos, mas a violência silenciada e realizada nas entrelinhas da escola, muitas vezes não é percebida pela equipe escolar.

Este tipo de violência talvez seja a mais danosa, pois muitas vezes os alunos sofrem calados, vitimados e intimidados, esperando que alguém perceba e faça algo a respeito. Para ASSIS e MARIEL (2010, p.96) “ o bullying se caracteriza por três critérios: 1. comportamento agressivo e intencionalmente nocivo; 2. comportamento repetitivo (perseguição repetida); 3. comportamento que se estabelece em uma relação interpessoal assimétrica, caracterizada por uma dominação.” Existem também inumeros casos de abandono de estudo neste local, principalmente partindo de alunos acometidos a grande vulnerabilidade social.

A escola necessita ampliar seu olhar para estes estudantes, buscando encher para além da violência física que também é de fato relevante, mas objetivar a compreensão dos fatores que desencadeiam as manifestações de violência simbólica também, oferecendo auxílio as vítimas, no tocante desta análise.

A prevalência de estudantes vitimizados é de 8 a 46%, e de agressores, de 5 a 30%. Alguns estudos apontam que apenas no Brasil, 45% dos estudantes estejam envolvidos em situações de Bullying. Segundo Fante, 2005 para que ocorram estratégias efetivas de combate ao bullying nas escolas é preciso que toda a comunidade escolar admita que o bullying existe e que compreenda as conseqüências deste problema na vida dos envolvidos assim:

A conscientização e a aceitação que o bullying é um fenômeno que ocorre, com maior ou menor incidência, em todas as escolas de todo o mundo, independentemente das características culturais, econômicas e sociais dos alunos, e que deve ser encarada como fonte geradora de inúmeras outras formas de violências são fatores decisivos para iniciativas bem sucedidas no combate à violência entre os escolares (FANTE, 2005p.91)

Acredita-se que o enfrentamento ao fenômeno inicia-se pela adoção de programas preventivos eficazes e continuados, em colaboração com a família e a sociedade, para que este tipo de violência seja reduzido, senão extinto, das relações interpessoais.

Desta forma o objetivo principal deste estudo é promover atividades enfrentamento e prevenção do bullying que envolvam os alunos atendidos na sala de recurso, os alunos das salas regulares além de professores e equipe diretiva, estimulando a criação de uma rede de apoio a alunos vítimas de bullying.

Além do mais temos ainda os seguintes objetivos secundários:

1. Orientar os alunos do AEE sobre o bullying, suas manifestações e consequências;
2. Auxiliar os professores no desenvolvimento de ações para trabalhar este tema com seus alunos a fim de que eles possam reconhecer e respeitar as pessoas e as diferenças;
3. Sensibilizar a equipe diretiva e os professores para aproximação com a rede de serviços, em especial o CRAS, nos casos de bullying identificados na escola

## DESENVOLVIMENTO

As diferentes manifestações da violência aparecem nas suas mais variadas formas, tomando dimensões complexas, pois assumem múltiplos fatores que as determinam. Vivemos reféns destes acontecimentos em nossa sociedade, mas é na escola que os conflitos se desencadeiam mais ferozmente, explicitando um problema conhecido por todos, mas sensível a poucos de nós.

O aspecto fundamental é a possibilidade de identificar o que caracteriza uma ação de violência, de onde ela parte, o que está envolvido no contexto dos sujeitos que praticam estes atos, pois desta forma podemos compreendê-la em um sentido mais amplo. Segundo ASSIS e MARIEL (2010, p.42) “a violência é o resultado da complexa interação de fatores individuais, de relacionamentos estabelecidos, comunitários e sociais, sendo necessário ter sempre em mente as interseções e conexões existentes entre os diferentes níveis”

Tudo aquilo que o aluno apresenta dentro do ambiente escolar diz muito de seu contexto, das significações feitas por ele a respeito de sua realidade, mas principalmente da sua relação com o outro. SILVA (2010, p. 79) aponta também que a violência vivenciada na

escola reflete um contexto social mais amplo “a comunidade escolar tende a reproduzir, em maior ou menor escala, a sociedade como um todo”.

Estes fatos causam repercussões que nos convidam a uma reflexão sobre o fenômeno bullying, que é definido segundo FANTE (2005, p. 28), como “um conjunto de atitudes agressivas, intencionais e repetitivas que ocorrem sem motivação evidente, adotado por um ou mais alunos contra outro(s), causando dor, angústia e sofrimento”.

Esta compreensão perpassa a intenção de simplesmente conceituar o bullying como uma violência presente nas escolas, mas elucidar as dimensões que este mal atinge, observando o perfil das vítimas e as consequências causadas por ele. Não por acaso as vítimas do bullying são pessoas consideradas mais sensíveis, ou vulneráveis, alvo perfeito dos valentões que impõem sua força física ou terror psicológico, deixando profundas marcas.

Como se não bastasse este cenário perturbador que encontramos nas instituições de ensino, ainda existe um agravante em termos de vítimas e agressores, temos uma gama infundável de alunos com deficiência que as escolas recebem todos os anos com o intuito de “incluir”, porém a dimensão que esta palavra atinge é muito maior do que a realidade recorrente nestes espaços.

Se para um aluno dito “normal” o bullying já ocasiona inúmeros prejuízos físicos e psíquicos, imagine a dimensão das consequências obtidas por meio desta prática para com pessoas com deficiência, para melhor compreensão DIAS e PIN|GOELLO (2016, p. 49) corroboram que “os alunos com necessidades educacionais especiais precisam, além de enfrentar a superação de suas próprias limitações e dificuldades decorrentes de sua deficiência, ainda superar a violência escolar, discriminação e preconceito”.

Essa violência acaba afastando estes alunos do convívio social, assim como também acabam sendo afetadas as interações com o meio, onde os alunos com deficiência sentem-se excluídos, ou eles próprios se excluem para não sofrerem bullying novamente, segundo DIAS e PINGONELLO (2016, p.41), essa prática “prejudica seu desenvolvimento e sua aprendizagem, e o que acaba caracterizando a inclusão excludente”.

As consequências da violência contra pessoas com deficiência são de fato uma realidade, não só na escola como em vários segmentos da sociedade, pois não somente se exclui alguém o privando das relações com o outro, mas também se exclui quando é negado a este sujeito seus direitos e condições para que ele possa estar incluído. Todos os resultados desta conjuntura social de exclusão revelam-se emergentes, mas decorrem de

comportamentos enraizados desde os primórdios, onde a pessoa com deficiência não era sujeito de direito, como podemos observar de acordo com MACIEL (2000, p.51):

A estrutura das sociedades, desde os seus primórdios, sempre inabilitou os portadores de deficiência, marginalizando-os e privando-os de liberdade. Essas pessoas, sem respeito, sem atendimento, sem direitos, sempre foram alvo de atitudes preconceituosas e ações impiedosas.

Apesar de ainda verificarmos em nosso país poucos avanços em prol da pessoa com deficiência, algumas investidas foram realizadas ao longo dos tempos a fim de garantir a estes sujeitos mais oportunidades por meio da educação inclusiva, gratuita e de qualidade. Neste sentido um marco fundamental segundo MACIEL (2000), foi a Declaração de Salamanca, que previa mudanças na sociedade discriminatória.

Mesmo que este documento tenha ganhado dimensões consideráveis de visibilidade e apelo mundial, ainda existem inúmeros casos de discriminação e violência contra pessoas com deficiência, pois este tipo de estigma é anterior ao processo de escolarização, iniciando-se muito antes de esta pessoa frequentar a escola. Segundo MACIEL (2000, p.53):

No plano de governo, o que se vê são programas, propostas, projetos, leis e decretos com lindas e sonoras siglas, que ficam, na maioria das vezes, só no papel. Programas similares e simultâneos são lançados em duas ou três pastas, sem que haja integração de objetivos e metas entre eles.

O erro da desinformação é só mais um agravante neste emaranhado de preconceitos, onde o indivíduo com deficiência é visto como um ser incapaz de desenvolver aprendizagens e habilidades, é tido como um fardo, um problema para o seu entorno “O estigma da deficiência é grave, transformando as pessoas cegas, surdas e com deficiências mentais ou físicas em seres incapazes, indefesos” (MACIEL, 2000, p.53).

Uma pesquisa realizada em 2015 pelo IBGE, demonstrou que um dos principais motivos que levam a prática do bullying é a aparência do corpo e rosto das pessoas, desta forma pessoas com alguma deficiência física possuem um aumento da probabilidade de sofrerem com o bullying. (SOUZA, 2018).

Esta é a consequência da discriminação, daquilo que foge dos padrões estereotipados que a mídia e a sociedade passam, representa-se por meio de violência que está diretamente ligada a prática do bullying, tendo por exemplos “a violência de gênero e o sexismo, o racismo, a homofobia, o tratamento indigno a alunos com deficiência ou de determinadas condições sociais e econômicas” (ELIAS, 2011, p. 21).

Este tipo de violência cresce de forma exacerbada, apresentando-se de forma silenciosamente, nas entrelinhas das escolas, de acordo com FANTE (2005, p.21) esta é uma

“violência que se apresenta de forma velada, por meio de um conjunto de comportamentos cruéis, intimidadores e repetitivos, prolongadamente contra uma mesma vítima”.

A escola necessita de mudanças, tanto em relação a preparar um ambiente acolhedor que consiga se adequar as necessidades das pessoas com deficiência, mas principalmente na forma como as instituições de ensino se posicionam a respeito dos acontecimentos que permeiam o seu redor. É preciso que haja mais informação e diálogo, que se possa discordar e refletir. Pois só será possível promover a democracia e o respeito quando não houver mais ignorância, quando for possível perpetuar à compreensão e a sensibilidade de se colocar no lugar do outro.

A reestruturação das instituições não deve ser apenas uma tarefa técnica, pois depende, acima de tudo, de mudanças de atitudes, de compromisso e disposição dos indivíduos. O segundo passo no processo de inclusão social é o da inclusão escolar. (MACIEL, 2000, p.54)

Se lembrarmos que todos somos sujeitos de direito, não poderemos aceitar a atual conjuntura de nossa sociedade, uma vez que acreditamos que uma sociedade melhor se faz através da educação, esta tem que ser garantida como um direito humano fundamental, que foi se constituindo ao longo dos tempos, através de algumas investidas que segundo DIAS (2016, p.441) “a primeira delas remonta ao século XVIII, no contexto da Revolução Francesa. Estamos falando da Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, admitida pela Convenção Nacional Francesa em 1793.” E ainda segundo a autora “dois séculos depois, a Declaração Universal dos Direitos do Homem, adotada e proclamada pela Assembléia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU), em 10 de dezembro de 1948”.

Esta construção de afirmação de direitos ganha força quando segundo Dias surge “o debate sobre a temática da Educação em Direitos Humanos na Conferência Mundial sobre Direitos Humanos, realizada em Viena, no ano de 1993” (DIAS, 2006, p.442).

As buscas pelos direitos humanos não cessaram e talvez seja uma luta ininterrupta para fazer valer o que consta na constituição. Nos dias de hoje passamos por momentos de escassez de direitos e de voz, onde o neoliberalismo dissemina e enfatiza a exclusão e o avanço do capitalismo.

Mas nem tudo está perdido, pois sempre existem pessoas que ainda acreditam na possibilidade de que seus direitos sejam preservados e respeitados, Dias elucida que “[...] vemos surgir, em direção oposta, o aumento do contingente de movimentos sociais e ações governamentais que visam a ampliar o reconhecimento dos direitos humanos, entre eles, o direito à educação. (DIAS, 2016, p.444).

Esta é uma guerra de muitas batalhas, algumas vencidas, outras não, mas há quem perseverou pelo direito a educação gratuita e de qualidade, quando a sociedade era alvo dos privilégios, onde somente as pessoas com poderes aquisitivos tinham a oportunidade de estudar, de obter o conhecimento, assim constituiu-se as investidas pela escola pública, liderada por Paulo Freire, Florestan Fernandes e Anísio Teixeira, “a Constituição de 1988 e a LDB dela decorrente consagram o direito de acesso ao ensino fundamental, obrigatório e gratuito” (DIAS, 2016, p.447).

A universalização da educação no Brasil, ainda está longe de ser realmente alcançada, pois nem todas as crianças entre 7 e 14 anos estão de fato matriculadas no ensino básico, pois não basta somente existir o direito a educação, mas é preciso que o Estado provenha subsídios para que todos possam ter acesso. Assim como valorização dos profissionais da educação e metodologias de ensino adequadas. Tal perspectiva compreende os Direitos Humanos não apenas como indicativos de direitos fundamentais que devem ser respeitados, mas, sobretudo, como uma defesa da igualdade entre os seres humanos, respeitando-se as diferenças (DIAS, 2016).

Percebe-se por meio destas elucidações a importância da escola como indispensável para assegurar o direito a educação, promovendo a qualidade de ensino e das relações que lá ocorrem. Neste aspecto também fica evidente que é necessário que uma série de fatores contribuam para o bem estar de todos que fazem parte da comunidade escolar.

Diante disto, é necessário preparar os docentes para lidarem com possíveis situações que ocorram no ambiente escolar, especialmente se tratando dos casos de conflitos e violência entre os alunos, onde é essencial um olhar atento do professor diante do que ocorre na sala de aula, para que dessa forma ele possa intermediar da melhor forma possível.

A escola, com as suas especificidades de natureza organizativa, as nem sempre harmoniosas relações com as finalidades educativas da sociedade e a inevitável ressonância da conflituosidade social, é um campo propício à emergência do conflito. Daqui se depreende a necessidade de educar gerações, e todo o corpo educativo, na resolução criativa e nos benefícios da gestão construtiva dos conflitos. (MORGADO; OLIVEIRA, 2009, p.47)

Existem alternativas necessárias a serem conduzidas tanto nas instituições de ensino, quanto na conjuntura social como um todo, no que diz respeito a informação sobre o bullying principalmente pontuando suas causas e consequência, assim como enfatizar a forma de evitá-lo. Outra carência que se demonstra pulsante em nossa sociedade é a desinformação sobre as pessoas com deficiência e a dificuldade que as pessoas têm em respeitá-las e aceitá-

las como sujeitos capazes de aprender, de contribuir e principalmente de integrar-se ao seu meio.

Uma possibilidade para que seja alcançada esta premissa junto ao grupo docente e discente da escola, baseia-se no desenvolvimento de projetos em prol da conscientização e do conhecimento sobre bullying, assim como investidas em formação continuada e intervenções que objetivem a resolução de conflitos, não somente em um momento específico do ano, mas que este assunto seja pauta em todas as reuniões e atividades desenvolvidas nas instituições escolares. Neste sentido, FANTE (2012) enfatiza que apesar da obrigatoriedade da escola na identificação e prevenção da violência escolar, é imprescindível que seja oferecida aos profissionais de educação capacitação adequada para este devido fim.

Os alunos com deficiência necessitam deste apoio e parceria da escola, pois na maioria das vezes eles tornam-se invisíveis aos olhos da sociedade, sendo um fardo passar pela discriminação de forma solitária. Já é ruim pensar que estas atitudes de violência ocorram dentro da escola e que os alvos sejam estes, pior ainda é imaginar uma instituição imperceptível a esta situação.

Esta demanda atravessa as questões de simplesmente dar assistência aos alunos com deficiência, mas possibilitar a qualidade do espaço que estão inseridos, fortalecer vínculos e a empatia. Segundo AVANCI; PESCE; FERREIRA (2010, p.197) “qualquer que seja o temperamento da criança, sua capacidade de lidar com as dificuldades é influenciada pelos seus cuidadores”.

A escola possui um importante papel na mudança de paradigmas, pois é capaz de promover a resiliência entre seus pares, ela assume funções muito maiores do que apenas transmitir o conhecimento, uma vez que pode utilizar de seu contexto para promover o desenvolvimento de habilidades e potencialidades de cada educando. (AVANCI; PESCE; FERREIRA 2010).

A inclusão não está apenas associada à aceitação da pessoa com deficiência, mas é uma busca incessante para equiparação de oportunidade e igualdade para todos, a interação sem distinção e a plena fruição a todos os recursos disponíveis na sociedade. Este processo tem seu início quando aprendemos a respeitar as diferenças, superando a discriminação e praticando o cuidado com o outro.

## MATERIAIS E MÉTODOS

O projeto será desenvolvido em forma de atividades, divididas em três momentos: o de aprendizagem e autoconhecimento, o momento de reflexão e o momento da informação e conscientização.

Os alunos da sala de recursos serão convidados a realizarem atividades sobre autoconhecimento, desenvolvimento do corpo, da voz, espaço e objetos, assim como atividades de desenvolvimento da autoconfiança, autoestima e bem-estar. E ainda através da comunicação oral proporcionar um momento de interação, onde os alunos possam falar de seus sentimentos, emoções, interesses e frustrações.

Os professores serão convidados a realizarem práticas de conscientização e reflexão sobre o bullying em suas turmas, assim como atividades que venham de encontro ao respeito às diferenças e aceitação do outro.

Os momentos de trocas serão de suma importância, por isso ocorreram reuniões com a equipe diretiva, professores, profissionais da saúde, secretaria de educação e assistência social, a fim de elucidar as dúvidas, contribuições e crescermos todos juntos em prol de uma educação igualitária.

### Plano de Ação

#### Primeiro Encontro - Objetivos.

1. Incluir pessoas com dificuldades no relacionamento social, incentivando o diálogo;
2. Estimular o desenvolvimento da autoestima;
3. Identificar dificuldades de cognição do participante;

**Estratégia** Trata-se de uma atividade individual, a ser realizada por um (a) condutor (a) e o aluno (a).

O primeiro passo é procurar um lugar calmo, sem muito fluxo de pessoas, onde possam sentar-se e conversar. Então a comunicação deve ocorrer de acordo com a reação do participante. Dica: pode-se começar com uma apresentação, explicando que o motivo da conversa é conhecê-lo melhor.

A seguir, podem ser mostradas figuras, cores, objetos, perguntando do qual ele (a) gosta ou do que não gosta, pedindo que cole no papel as que selecionar.

- Fazer perguntas para avaliar as dificuldades de cognição como: que cor é essa, ou solicitar que indique determinada cor em um conjunto de lápis, diferenciar também crianças de adultos e de idosos.
- Trabalhar noção de lógica como quantidade, operações matemáticas.
- Posicionar-se ao lado da pessoa no espelho e perguntar quem é ela e quem é você na imagem.
- Esse trabalho depende muito da criatividade que deve entender a individualidade da pessoa para estabelecer uma forma de comunicação e criar um clima de confiança e amizade com o participante.

**Recursos Necessários:** Papel metro, cartolina, papel de ofício; figuras de revistas, cola, giz de cera, espelho.

**Duração:** De 30 a 60 min

### Segundo Encontro - Objetivos.

1. Promover reflexões acerca de alunos com deficiência e o bullying;
2. Discutir a educação das pessoas com deficiência no contexto da sala de aula e da escola;
3. Refletir sobre a função da escola quanto à inclusão social e o respeito às diferenças.

518

### Estratégia.

- Iniciaremos este encontro com uma apresentação sobre as tipologias da violência, desde as de cunho material às simbólicas, finalizando com a exposição do vídeo sobre Capacitismo (disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=iTLBZkzqtpk>, acesso em 09 dez. 2022).
- Faremos questionamentos propostos, e como atividade complementar, apresentaremos uma literatura de cordel abordando o tema, de autoria de Isaac Luna e Inácio Feitosa, intitulada **Bullying Escolar: a peleja da covardia com a senhora educação** (2010).
- Como aplicação prática, solicitaremos aos alunos que se organizem em duplas e criem uma literatura de cordel abordando o tema da violência e *bullying* na escola.

**Recursos Necessários:** Papel audiovisual, papel e caneta.

**Duração:** O turno todo (manhã ou tarde)

### Terceiro Encontro - Objetivos.

1. Realizar um levantamento com os participantes dos principais problemas enfrentados em seu cotidiano escolar;
2. Construir estratégias pedagógicas de intervenção contra o bullying, a fim de compreender e valorizar as diferenças e educar para a solidariedade.

### Estratégia.

- Reuniões periódicas, onde a equipe de profissionais da escola possa participar de palestras com a psicóloga sobre o tema da violência e suas múltiplas faces, também poderá ser ofertada uma conversa junto ao Conselho Tutelar e o CRAS elucidando a importância de falar sobre o bullying, de conhecê-lo e combatê-lo por meio de intervenções;
- Também poderá ser passado um filme “MEU NOME É RÁDIO” pois nesta obra, vários personagens simbolizam o preconceito arraigado na sociedade, despreparada para conviver com pessoas que não se adequam ao que consideram o modelo “normal” de cidadão;
- Construir objetivos a serem alcançados através deste Projeto a médio e longo prazo.

**Recursos Necessários:** Recurso audiovisual.

**Duração:** De 60 á 90 min.

### Resultados Esperados

O projeto tem por pretensão minimizar as ações de violência ocasionadas na escola, principalmente contra pessoas com deficiência, espera-se que o corpo docente e os alunos compreendam a importância de respeitar as diferenças e valorizar a potencialidade das pessoas com deficiência no âmbito social. A partir disto, que o professor possa torna-se facilitador das aprendizagens e do ambiente acolhedor, criando estratégias para desenvolver habilidades e o mais importante, a empatia entre todos. E que os alunos consigam estabelecer parcerias uns com os outros, respeitando o outro em sua subjetividade.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

As instituições de ensino são espaços que ocupam grande relevância em nossa sociedade, pois lá existe o privilégio das trocas, das aprendizagens e da ampliação das concepções de igualdade e respeito, pois segundo Avanci; Pesce; Ferreira (2010, p.195) “a

escola tem importância insubstituível, pois se insere em um contexto social maior para onde as potencialidades do jovem se expandem”.

A construção desse Projeto se deu através da necessidade identificada no contexto escolar onde trabalho, uma vez que os casos de violência em geral, mas principalmente de crianças atendidas por mim na sala de AEE eram perturbadores e necessitavam de alguma intercessão. A equipe escolar, por sua vez, se encontrava fragilizada diante dos casos de violência e muitas vezes nem sabiam da existência destes acontecimentos.

Espera-se que por meio deste projeto de intervenção tanto a equipe diretiva, quanto professores e alunos tenham condições de desenvolver habilidades necessárias para atuarem de maneira eficaz na resolução de conflitos ocorridos no ambiente escolar com a rede de apoio. E ainda que possam se reconhecer como parte importante deste processo, articulando ações que proporcionem uma verdadeira transformação em seu contexto.

## REFERÊNCIAS

ASSIS, S. G. MARRIEL, N.S.M. **Reflexões sobre a violência e suas manifestações na escola.** In: ASSIS, S. G.; CONSTANTINO, P.; AVANCI, J. Q. (Orgs.). Impactos da violência na escola: um diálogo com professores. Rio de Janeiro: Ministério da Educação, Editora FIOCRUZ, 2010, p. 41-63.

AVANCI, J. Q.; PESCE, R. P.; FERREIRA, A. L. **Reflexões sobre Promoção da Saúde e Prevenção da Violência na Escola.** In: ASSIS, S. G.; CONSTANTINO, P.; In: AVANCI, J. Q. (Orgs.). Impactos da violência na escola: um diálogo com professores. Rio de Janeiro: Ministério da Educação, Editora FIOCRUZ, 2010, p. 177-201.

CONSTANTINI, A. **Bullying, como combatê-lo?** prevenir e enfrentar a violência entre jovens. São Paulo: Itália Nova, 2004.

DIAS, A. A. Da **Educação como Direito Humano aos Direitos Humanos como princípio educativo**, in Educação em Direitos Humanos: fundamentos teórico- metodológicos. P. 442-456 2016.

DIAS, F. B. G.; PINGOELLO, I. **Bullying na educação inclusiva.** In. Revista de Educação do Vale do Arinos. RELVA, Juara/MT/Brasil, v. 3, n. 1, p. 40-54, jan./Jul.2016.

ELIAS, M. A. **Violência Escolar: caminhos para compreender e enfrentar o problema.** 1. Ed. – São Paulo: Ática Educadores, 2011.

FANTE, C. **Fenômeno bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz.** Campinas: Verus; 2005. 224p

FANTE, C.& Pedra, J.A (2008). **Bullyng Escolar: perguntas e respostas.** Porto Alegre: Artmed.

FANTE, C. **Fenômeno bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz.** 7. ed. Campinas: Verus, 2012.

MACIEL, M. R. C. **Portadores De Deficiência a questão da inclusão social.** São Paulo Perspec. vol.14 no.2 São Paulo Apr./June 2000.

MORGADO, C.; OLIVEIRA, I. **Mediação em contexto escolar: transformar o conflito em oportunidade.** Exedra: Junho, 2009, p 48-49.

RISTUM, M. **Bullying escolar.** In: ASSIS, S. G.; CONSTANTINO, P.; AVANCI, J. Q. (Orgs.). Impactos da violência na escola: um diálogo com professores. Rio de Janeiro: Ministério da Educação, Editora FIOCRUZ, 2010, p. 95-119.

SILVA, A. B. B. **Bullying: Mentos perigosas nas escolas.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2010, p.22.

SOUZA, V. S. **O Papel do Professor frente ao Bullying na Educação Inclusiva.** 2018. 31. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Faculdade Anhanguera, Osasco, 2018.

SOUZA, V. S. **Fenômeno bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz.** Campinas: Verus; 2005. 224p.

RISTUM, M. **Bullying escolar.** In: ASSIS, S. G.; CONSTANTINO, P.; AVANCI, J. Q. (Orgs.). Impactos da violência na escola: um diálogo com professores. Rio de Janeiro: Ministério da Educação, Editora FIOCRUZ, 2010, p. 95-119.

SILVA, A. B. B. **Bullying: Mentos perigosas nas escolas.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2010, p.22.

SOUZA, V. dos S. **O Papel do Professor frente ao Bullying na Educação Inclusiva.** 2018. 31. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Faculdade Anhanguera, Osasco, 2018.